



que genialis tori, Lucina, custos quaeque donituras freta
n frenare docuisti ratem, et tu, profundi saeue dominator
que Titan diuidens orbi diem, tacitisque praebens conscium
Hecate triformis, quosque iurauit mihi deos Iason, quosque
fas est precari: noctis aeternae chaos, auersa superis regna
manesque inpios dominumque regni tristis et dominam fide meliore
raptam, uoce non facta perire. Nec enim a leseris, et uis ultrices dea
crinem solutis. Haec a se peritibus, atris, et uis manibus amplexae
facem, adeste thalamis horridae quondam meis, quales stetit: coniugi
letum nouae letumque socero et regiae stirpi date, mihi peius aliud, quod
precer sponso, malum: uiuat, per urbes erret ignotas egens exul, pauens,
inuisus, incerti Iaris; me coniugem optet, limen alienum expetat iam notus

ARISTÓFANES

COMÉDIAS

I

BIBLIOTECA DE AUTORES
CLÁSICOS

INTRODUÇÃO GERAL

A COMÉDIA GREGA ANTIGA

Aristófanes¹ representa, para os estudiosos e espectadores modernos, o nome mais sonoro de entre os autores da chamada «Comédia Antiga Ateniense», o mesmo é dizer, o primeiro poeta cómico europeu. Boa parte da sua carreira dramática ocupa o último quarto do século v a. C., iniciada em 427, com *Celebrantes do Banquete*, seguida, um ano após, por *Babilónios*. Para nós, Aristófanes inicia-se em 425 a. C., com *Acarnenses*, a primeira das suas peças que conservamos, ou seja, a comédia mais antiga da produção grega que até nós chegou em forma completa. Quando o jovem Aristófanes, com cerca de 18 a 20 anos de idade², se iniciava nas lides teatrais, já a comédia oficialmente reconhecida em Atenas desde 486 a. C. tinha atingido, como género literário e dramático, uma maturidade plena. A par de outros nomes sonoros, como

¹ Para uma melhor identificação do poeta, podemos associar-lhe ao nome próprio a filiação — «filho de Filipo» — e a proveniência — «natural do *demos* de Cidateneu». Alguma relação há entre o poeta e a ilha de Egina (cf. *Acarnenses*, 652-654), talvez por a sua família aí possuir uma propriedade que durante anos cultivou.

² Não é segura a data do nascimento de Aristófanes, que no entanto andarà próxima de 447-445 a. C.

o de Cratino e de Êupolis³ (para nós circunscritos a uma coleção de títulos e de fragmentos), Aristófanes representou um nome de sucesso, coroado de diversos triunfos, e repartido entre a eficácia prática da produção e a reflexão teórica sobre as exigências e características do género que cultivava. Assim preencheu uma carreira dramática de quase quarenta anos, até à última produção, o *Pluto*, em 388 a. C., tornando-se o espelho de um processo evolutivo que o próprio género foi sofrendo ao longo destas décadas.

Alguns qualificativos podem traduzir com propriedade a natureza do fenómeno a que se chamou «Comédia Antiga». Talvez *política* ocupe, no conjunto de traços que a caracterizam, um lugar cimeiro. Mas o conteúdo que o epíteto de «política» representa para os ouvidos modernos, de uma produção atenta ao funcionamento da administração pública ou à governação, não satisfaz as implicações antigas do termo. Como «própria da *polis* ou com ela relacionada» a comédia não esgotou os seus interesses na simples caricatura do governo e seus agentes; matérias como religião, literatura, educação, o contencioso dos sexos, faziam igualmente parte do quotidiano da *polis* e encontram-se também abrigados sob o mesmo epíteto.

Atenta à vida da cidade que a circundava, a comédia pode merecer também o qualificativo de *actual* ou *imediata*, a par do de *directa* e *frontal*. Nesta sua fase mais antiga, a arte cômica sempre se arrogou o direito de ser um comentador privilegiado do quotidiano de Atenas. Muita da sua vitalidade dependeu da intervenção imediata, ditada por factos próximos ou personalidades em evidência, que mobilizavam em simultâneo as atenções e os interesses dos poetas e do público. A este carácter imediato, a comédia associou a frontalidade e o desassombro, na sua forma de trazer à cena acontecimentos públicos e seus agentes. Recriar no teatro situações do quotidiano cívico, fazer dos seus intervenientes reais personagens da ficção cômica ou vítimas de um ataque nominal e violento, eis alguns dos princípios em que se baseou a ve-

³ Esta é a tríade consagrada pelos antigos como a mais representativa da comédia ateniense na sua primeira fase; cf. Horácio, *Sátira*, 1. 4.

lha comédia ateniense. Como voz de uma consciência colectiva, a comédia orientou a sua interferência por um objectivo superior, o de desempenhar junto dos cidadãos uma função *didáctica*. Por essa opção, sem deixar de reconhecer que o mérito literário se faz também com a mestria técnica e artística, a comédia privilegiava no entanto, como sua prioridade, um propósito de utilidade social, reclamando para si um lugar condigno ao lado dos géneros gloriosos da tradição literária grega, a épica e a tragédia antes dos mais. Há que reconhecer, ao olhar o ascendente atribuído aos poetas do passado, que o didacticismo se tinha tornado a própria justificação da obra literária e a principal razão da sua existência e mérito. Para cumprir essa função, a comédia teve de definir para si própria um modelo a carácter com a sua natureza. Integrando-se na tradição didáctica da poesia, o comediógrafo encara a invectiva pessoal como uma crítica construtiva, a que um educador do povo tem todo o direito de recorrer. Desde o início da sua carreira que o poeta define o modo de exercer o papel didáctico que lhe cabe e enquadra, dentro do mesmo projecto, o que de desagradável possa haver nas críticas que faz (cf. *Acarnenses*, 500 e segs.): «O que é justo também é do conhecimento da comédia. Ora o que eu vou dizer pode ser cáustico, mas justo é.» O ataque directo que, desde sempre, se associara à comédia como seu suporte natural assumia assim uma dimensão digna e útil, de fonte de ensinamentos e de veículo de conselhos.

Para além da sua ligação imediata e directa à vida contemporânea de Atenas, que lhe pode valer o indicador de *realista*, a comédia antiga, em estranho paradoxo, associou-lhe como seu traço natural a *fantasia* e a *utopia*. Como se produziu este milagre que é a fusão de realismo e utopia? É inegável que a comédia se inspirou, para os seus temas, no quotidiano objectivo e imediato da *polis*, de que retratou as crises e as tensões. Mas a salvação, difícil de atingir com sucesso no quotidiano social, essa é o produto de uma fantasia cómica, que redime os problemas reais em mundos ou projectos utópicos, que garantem a cada peça, e à problemática que suscita, um permanente *happy end*.

Para além dos temas em que assenta este projecto de intervenção social que se chamou comédia grega antiga, há

que valorizar também o fenómeno do ponto de vista técnico e artístico; *revolucionária* ou *inovadora* são, nesta outra perspectiva, os qualificativos que melhor a definem. Para os atingir, o poeta apura a consciência de uma tradição que o precede e onde a sua produção se filia. É na parábase de *Cavaleiros* que Aristófanes produz uma inventariação do passado da comédia. Distante meio século o momento em que, à comédia, haviam sido dados foros de género literário oficialmente credenciado pela *polis*, a produção cômica registava ainda os traços mais marcantes do passado: o tom animalesco e popular do modelo mais antigo simbolizado por Magnes, o ataque pessoal que, profundamente enraizado no género desde os seus tempos mais remotos, havia sido incrementado e burilado por Cratino, e enfim o debate e a intriga mitológica em que Crates se impusera. Esta a herança que Aristófanes sentia pesar sobre os seus ombros.

Mas a partir da tradição, o poeta sentia como obrigatória e urgente a emancipação e a definição de caminhos autónomos e inovadores. Quando, uma meia dúzia de anos volvidos sobre os seus primeiros passos no teatro, o autor de *Nuvens* lamentava, diante do público, a incompreensão que relegara a sua produção de 423 para um desonroso terceiro lugar no concurso dramático, chegava para o poeta a hora de definir o estádio que separa a disciplina face à tradição, que sempre norteia o artista nos seus primórdios, de uma autonomia que o solta na procura dos seus próprios caminhos, impulsionado por um desejo de inovação que é a marca do verdadeiro génio. Feita menção ao início de uma carreira prometedora e já generosamente premiada, Aristófanes especifica quais as bases em que assenta o novo rumo por que pretende conduzir a sua produção. O factor que mais contribui para um tipo aperfeiçoado de comicidade consiste numa valorização diferente dos elementos dramáticos, com o necessário repúdio da vulgaridade. O que o poeta prescreve não é a anulação radical de processos mais fáceis mas menos dignos, mesmo se vistosos ou populares. O que de facto anuncia é um padrão inovador de comédia, onde esses elementos da tradição contem apenas como acessórios, deixando os pontos de sustentação dramática à intriga e aos versos. Depois de ter feito a apologia do valor di-

BIBLIOGRAFIA

Edições, traduções e comentários

- CANTARELLA, R.
— 1949-1964: *Le Comedie*, I-IV, Milano.
- COULON, V., e VAN DAELE, H.
— 1967-1972: *Aristophane*, I-V, Paris.
- HALL, F. W., e GELDART, W. M.
— 1962-1964: *Aristophanis Comoediae*, I-II, Oxford.
- LEEUWEN, J. van
— 1968: *Aristophanis Comoediae*, I-XI, Leiden.
- MASTROMARCO, G.
— 1983: *Comedie di Aristofane*, I, Torino.
- THIERCY, P.
— 1997: *Aristophane. Théâtre complet*, Paris.

Estudos

- ARNOTT, P.
— 1962: *Greek scenic conventions in the fifth century b. C.*, Oxford.
- BOWIE, A. M.
— 1993: *Aristophanes: Myth, ritual and comedy*, Cambridge.
- CANTARELLA, R.
— 1966: «L'ultimo Aristofane», *Dioniso*, 40, 35-42.
- DAVID, E.
— 1984: *Aristophanes and Athenian society of the early fourth century b. C.*, Leiden.
- DEARDEN, B. W.
— 1976: *The stage of Aristophanes*, London.
- DOVER, K. J.
— 1972: *Aristophanic comedy*, Berkeley and Los Angeles.

- EHRENBERG, V.
 — 21951: *The People of Aristophanes*, Oxford.
 — 1991: *Entretiens Hardt*, 38, Genève.
- FRAENKEL, E.
 — 21951: *Beobachtungen zu Aristophanes*, Oxford.
- GELZER, Th.
 — 1971: «Aristophanes der Komiker», *RE*, Supp. XII, 1391-1570, Stuttgart.
- HALLIWELL, S.
 — 1980: «Aristophanes' apprenticeship», *Classical Quarterly*, 30, 33-45.
- HARRIOTT, R.
 — 1986: *Aristophanes. Poet and dramatist*, London.
- HEATH, M.
 — 1987: *Political comedy in Aristophanes*, Göttingen.
- KONSTAN, D.
 — 1995: *Greek Comedy and ideology*, Oxford.
- LEVER K.,
 — 1956: *The art of Greek comedy*, London.
- LÓPEZ EIRE, A.
 — 1986: «La lengua de la comedia aristofánica», *Emerita*, 54, 237-274.
- MACDOWELL, D. M.
 — 1995: *Aristophanes and Athens*, Oxford.
- MCLEISH, K.
 — 1980: *The theatre of Aristophanes*, Essex.
- MASTROMARCO, G.
 — 1996: *Introduzione a Aristofane*, Bari.
- MOULTON, C.
 — 1981: *Aristophanic poetry*, *Hypomnemata*, Heft 68, Göttingen.
- MURRAY, G.
 — 1968: *Aristophanes. A study*, Oxford.
- PICKARD-CAMBRIDGE, A. W.
 — 1956: *The theatre of Dionysus in Athens*, Oxford.
 — 1962: *Dithyramb, tragedy and comedy*, 2nd ed., revised by T. B. L. Webster, Oxford.
 — 1968: *The dramatic festivals of Athens*, 2nd edition, revised by J. Gould and D. L. Lewis, Oxford.
- RAMALHO, A. C.
 — 1952: *Dipla onomata no estilo de Aristófanes*, Coimbra.
- RECKFORD, K. J.
 — 1987: *Aristophanes' old-and-new comedy, I, Six essays in perspective*, Chapel Hill.

- RUSSO, C. F.
— 1994: *Aristophanes. An author for the stage*, versão ingl., London.
- SEGAL, E.
— 1996: *Oxford readings in Aristophanes*, Oxford.
- SIFAKIS, G. M.
— 1971: *Parabasis and animal choruses*, Londres.
- SILK, M. S.
— 2000: *Aristophanes and the definition of comedy*, Oxford.
- SILVA, M. F.
— 1997: *Crítica do Teatro na Comédia Antiga*, Lisboa.
- SOMMERSTEIN, A. H.
— 1984: «Aristophanes and the demon of poverty», *Classical Quaterly*, 34, 314-333.
- SUTTON, D. F.
— 1980: *Self and society in Aristophanes*, Washington.
- TAILLARDAT, J.
— 1965: *Les images d'Aristophane*, Paris.
- THIERCY, P.
— 1986: *Aristophane: fiction et dramaturgie*, Paris.
— 1999: *Aristophane et l'Ancienne Comédie*, Paris.
- WHITMAN, B. H.
— 1964: *Aristophanes and the comic hero*, Cambridge, Massachusetts.
- ZIMMERMANN, B.
— 1984: «Die Parodoi der aristophanischen Komodien», in *Untersuchungen zur Form und dramatischen Technik der aristophanischen Komodien* (Königstein, I, 1984, II, 1985).

